

Canoas - para lembrar quem somos: bairro Nossa Senhora das Graças

Viviane Adriana Saballa* - UNILASALLE

O Projeto “Canoas – para lembrar quem somos” existe desde 1994¹ e nasceu da necessidade de pensar o fazer cultural como constituinte da vida em comunidade, bem como elemento de contribuição da construção da cidadania. Modos de valorização de vivências e práticas do cidadão são apreendidos em uma dimensão que considera seus valores e comportamentos como integrantes de sua maneira de perceber o mundo, formando uma cosmovisão única e de vivência coletiva. Considerando as comunidades como guardiãs de seu patrimônio cultural, queremos acessar, conforme sugere a autora Maria Parreiras Horta, seus “mobiliários da mente” e entrar em contato com os diversificados fundamentos que no transcurso de suas vidas acumularam e conduziram por meio do verbalizado, pensado, imaginado, visualizado, sentido e percebido que hoje são resgatados em forma da oralidade. A base fundamental para o exercício da vida consciente e de inserção é a memória desses grupos, que nos espaços sociais e culturais realizam os intercâmbios comunicativos.²

Canoas, localizada na região metropolitana de Porto Alegre, como cidade que representa um dos maiores aglomerados urbanos do Rio Grande do Sul, modifica-se e desenvolve diariamente. Via recuperação de informações básicas que dinamizam a organização dos bairros resgataremos testemunhos de sua própria história, valorizando a população em seu espaço de cotidianidade e de edificação de sua história de vida, que confunde-se com os caminhos da própria cidade, pois:

(...) não há memória que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca.³

O objetivo maior é valorizar e divulgar a trajetória histórica de Canoas através da análise e interpretação de marcos fundamentais na construção de sua identidade, em

* Professora-Pesquisadora do Departamento do Curso de História do UNILASALLE.

termos espaciais, culturais e sociais. Temos como meta pesquisar o legado cultural e o desenvolvimento das comunidades locais, divididas por bairros a fim de que haja o reconhecimento de si como elemento fundamental no processo de modernização e acumulação de riqueza da urbe.

Identificados os aspectos físicos e geográficos da cidade, reconhecidos e inventariados os núcleos urbanos e rurais que a integram Canoas, chegamos a um total de dezessete bairros e uma ilha. Em posse dessa informação, partimos para o estudo dos aspectos históricos com pesquisa bibliográfica, documental e iconográfica, e pesquisa oral para identificação de remanescentes usos e costumes.

O valor da história oral e a adequação de seu uso no presente projeto se justificam pela possibilidade que apresenta de suprir as lacunas concernentes à complexidade da realidade, dando vassão ao ato de recriar múltiplos pontos de vista:

A história oral oferece uma reconstrução do passado não apenas mais próxima do real, como também mais justa. O relato oral restitui (...) o passado a partir do presente, o que quer dizer que toda lembrança pertence ao passado e ao presente, e se modifica segundo este último.⁴

Consideramos conveniente recordarmos a abordagem de Paul Thompson no tocante às fontes orais, quando nelas encontra *sentido humano*,⁵ inerente à democratização da história, que com sua dinamicidade restitui às pessoas o passado ativado através de seus próprios testemunhos, assegurando-lhes um protagonismo perdido. O estabelecimento de elos e teias de conexões que viabilizam incitativas percepções do universo do depoente se torna possível a partir da valorização das fontes orais como elemento de investigação histórica que renova os intercâmbios entre história e ciências sociais.⁶

Fazendo da memória um constitutivo de cidadania e identidade social, servindo de reação e contraponto aos discursos limitante e homogeneizador predominantes que não oportuniza o acesso a diferentes versões dos acontecimentos, é através de esquecimentos e silêncios que se descortinarão formas para forjar a memória coletiva.⁷ Um depoimento congrega em si um conjunto de memórias que são o condutor de contatos com a complexidade das relações sociais.

Até o momento o Projeto conta com nove volumes publicados, referentes aos bairros pesquisados: Rio Branco, Niterói, Centro, Estância Velha, Guajuviras, Mathias Velho, São José e São Luís, Igará e Mato Grande.

Nesse ano estaremos lançando a obra referente ao bairro Nossa Senhora das Graças e compartilhamos aqui fragmentos de sua história e aspectos peculiares, o que o faz ser tão singular.

Uma primeira informação que pontuamos é a busca de identidade por parte dos moradores no que diz respeito a referências espaciais deste bairro que se configura basicamente como residencial. Desde 30 de janeiro de 2003, o município de Canoas tem os limites dos bairros e denominações reconfigurados, assim o Bairro Nossa Senhora das Graças incorpora áreas conhecidas até então como Chácara Barreto, Vila Fernandes, Vila Ideal, Vila Hermann e Nossa Senhora das Graças. Ainda hoje tal fato causa confusão entre muitos moradores e a aceitação não é consensual, há relutância em aceitar a nova denominativa que é uma alusão à igreja e hospital. A população relaciona-se com o bairro a partir de identificações que lhes são familiares, como nome antigo de localidades que testemunharam dificuldades e contentamentos, a noção de pertença emerge nesses pontos que lhes são familiares.

O processo de ocupação do bairro se deu a partir da aquisição de terras provenientes de loteamentos das áreas de chácaras existentes. Os locais mais antigos são a Chácara Barreto e a Vila Fernandes, se colocam como expressivos no processo histórico e formativo do Nossa Senhora das Graças, que se deu na década de 30. Sendo assim, dois nomes que surgem como significativos são Victor Barreto Filho e José Antônio Fernandes, grandes proprietários de terras e os primeiros loteadores. A antiga divergência entre as duas famílias é de domínio público e compõe o imaginário da população local, que tece longos relatos explicativos da situação. A materialização do desentendimento está nas ruas geograficamente desencontradas e com ordenamento que não seguem critérios de coerência, o que causa incompreensão e perplexidade entre os moradores.

As recordações dos residentes do Bairro Nossa Senhora das Graças remetem a um tempo memorial, onde predominam lembranças de um bairro cuja natureza preponderava no cenário cortado por casas isoladas, distribuídas de forma esparsa no ambiente rico em biodiversidade. Os laços de solidariedades são exaltados, bem como as relações de amizade entre os vizinhos. Essas características são referenciadas por quase totalidade dos moradores antigos como fator atrativo para fixar e manter residência na localidade, mostram também insatisfação no tocante às marcas da modernidade no cotidiano, que imprimem impessoalidade aos tratamentos. Contemplamos assim as apropriações que são feitas dessas memórias e como elas configuram o traçado característico que compõe sua historicidade própria, legitimando-se um “processo de identificação por meio do qual um conjunto de diferenças é transformado em identidade.”⁸

Podemos afirmar com convicção que o grande diferencial do Nossa Senhora das Graças está na quantidade de estabelecimentos voltados ao lazer, diversão e entretenimento nascidos ainda no período da *infância* do bairro. A contribuição da iniciativa privada proporcionou alternativas para o desenvolvimento da sociabilidade, união e convívio comum na busca de distração. Pesquisamos a existência de Clubes e Grêmios Esportivos, Sociedades Culturais e Beneficentes que da década de 1930 até metade da década de 1970 foram atuantes e que na fala da população ocupam um espaço de afetividade e de saudável nostalgia. Constituem os “lugares de memória”⁹ onde elaboração, reelaboração e interpretação se dão em um contínuo expressos na verbalidade, em seu “acervo inclui, com destaque, relatos preciosamente recontados: é a própria identidade do grupo ‘materializada’, é sua riqueza, poder e emoção.”¹⁰

Uma particularidade extremamente peculiar nesses espaços de recreação e esportes existente no Nossa Senhora das Graças é a explícita discriminação racial que se dava de forma acentuada entre as décadas de 1940 e 1960, corporificada na rivalidade étnica entre clubes que se dividiam em: exclusivo de brancos, como o Clube Dezessete; somente para negros, como Salão do Máximo e Castro Alves; voltado a princípio para negros, mas que a partir de 1970, não excluía brancos, como o Rui Barbosa.

Os entrevistados fazem questão do registro dessas diferenças por compreender que fazem parte de seu passado, momento de situações que não trouxeram orgulho, mas que devem ser vivificadas para que não haja incidência no mesmo erro, deixando o exemplo da superação a futuras gerações. Visualizamos a confirmação da afirmativa de Ecléa Bosi, que diz que “memória é trabalho,”¹¹ percebemos a importância da memória compartilhada, cujos indivíduos se vêem interligados pela experiência vivida, portadores de enciclopédias mentais que são ativadas por uma trama de junções interligadas pelo vivido em conjunto, portanto construção plural. A memória coletiva se corporifica no momento que promove a ação primeira, razão de sua existência: salvaguarda, proteção, conservação que emerge no presente rompendo com o aprisionamento do passado através de associações de vivências, contribuindo para a construção da identidade social. E tal postura dos habitantes do bairro mostra essa busca de rompimento e olhar voltado para o amanhã.

Moradores antigos ou novos, o que cotejamos é a percepção desse espaço de vida e convivência, que é o bairro. Cenário de momentos marcantes para muitos ou de apazível rotina, a população local com ele interage, se comunica, transmite em opiniões, protestos e gestos de defesa, discursos que falam pura e somente de si ao mundo, do SEU mundo ao restante da nação, demonstrando que existe. Nossa Senhora da Graças alimenta esperanças, dúvidas e certezas de um porvir tão grandioso quanto seus habitantes, gigantes de vontade de melhorá-lo e construir um futuro melhor para as próximas gerações ou futuros residentes. O compartilhar de vivências, de narrativas e memórias fez com que todos, independente do tamanho de sua contribuição, tornassem legítima sua importância. A percepção de que com um mosaico de informações provenientes de relatos e depoimentos se possa construir a trajetória de um bairro, faz com que seja legitimado o resgate da dignidade.

Os moradores no ato que contribuem para a publicação do próximo volume do Projeto, que promove um “trabalho de solidificação” de suas memórias, estão ressignificando a sua história social do lembrar, afirmando a memória como fenômeno histórico. Através do trabalho de memória, o passado é refeito sob o imperativo de quem

rememora no presente, noções são reavaliadas e redimensionadas sob agora nova ótica que se impõe, o contemporâneo.

A multiplicidade de modos de ser e fazeres culturais se expressam nas memórias coletivamente enaltecidas, validando a mais plural diversidade. Recriando a memória, estamos abrindo possibilidades para o exercício da cidadania à medida que damos visibilidade a ações desses homens, expomos suas resistências e história executadas com outros indivíduos que compartilham os mesmos sonhos, ilusões e desejos, é o reconhecimento do “direito ao passado”. É a sociedade construindo a si mesma...

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. A Coordenação está a cargo do UNILASALLE com interface da Prefeitura Municipal de Canoas. A equipe multidisciplinar é na atualidade composta por: Viviane Adriana Saballa, Mestre em História, professora do Curso de História do UNILASALLE; Miguel Gayeski (Coordenador), Mestre em Educação e professor do Curso de Pedagogia do UNILASALLE e Dárnis Corbellini, Mestre em Sociologia e professor do Curso de Pedagogia do UNILASALLE.
2. HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Fundamentos da Educação patrimonial. IN: **Revista Ciências e Letras: Educação e Patrimônio Histórico-Cultural**. Porto Alegre, FAPA, n. 27, jan./ jun. 2000, p. 28.
3. HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990, p. 143.
4. FREIRE, Doía; PEREIRA, Lígia Leite. História Oral, Memória e Turismo Cultural. IN: **Interpretando o Patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 124-125.
5. THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 13.
6. FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **História Oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
7. LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 3ª. Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994, p. 426.
8. GONÇALVES, José Reginaldo. **A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editor UFRJ; IPHAN, 2002, p. 24.
9. NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, no. 10, São Paulo: PUCSP, 1993.
10. GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo – Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v.9, no. 1 /2, p. 17-30, jan./dez. 1996, p. 20.
11. BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 2 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.